

A superação do niilismo a partir da estética do horror em Lovecraft e Nietzsche

Fabício Santiago Almeida

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia
Professor assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
E-mail: fabricio.almeida@ufms.br

Recebido em: 06/06/2015.

Aprovado em: 16/01/2016.

Resumo: Propõe-se relacionar o discurso metafórico/poético do escritor norte-americano Howard Phillips Lovecraft com o discurso conceitual/crítico do filósofo alemão Friedrich Nietzsche para abordar a superação do niilismo dentro do gênero de literatura fantástica chamado “horror cósmico”. A partir do cotejamento dos contos de Lovecraft, com ênfase em *O Chamado de Cthulhu* (2014), espera-se relacionar sua mitologia sombria com o princípio criativo da superação da tragicidade humana elaborada por Nietzsche. Nesse sentido, pensar as deidades lovecraftiana e o dionisíaco nietzschiano nos leva a refletir sobre a superação do niilismo a partir da mitologia contemporânea.

Palavras chave: Horror Cósmico. Niilismo. Superação. Nietzsche. Lovecraft.

The overcoming of nihilism from the aesthetic of horror in Lovecraft and Nietzsche

Abstract: The work aims to relate the metaphoric/poetic discourse of the American writer Howard Phillips Lovecraft to the conceptual/critical discourse of the German philosopher Friedrich Nietzsche to approach the overcoming of nihilism in the fantastic genre of literature called “cosmic horror”. From the readback of Lovecraft’s tales, focusing on *The Call of Cthulhu* (2014), is expected to relate his dark mythology with the creative principle of overcoming the human tragedy elaborated by Nietzsche. By this way, to think of Lovecraft deities and Nietzsche’s Dionysian leads us to reflect on the overcoming of nihilism from the contemporary mythology.

Keywords: Cosmic Horror. Nihilism. Overcoming. Nietzsche. Lovecraft.

1 Considerações iniciais

A relação entre Filosofia e Literatura vem se tornando cada vez mais debatida dentro da academia. O uso da interdisciplinaridade dentro do trabalho científico envolvendo a narrativa literária e poética com a conceituação filosófica ampliou-se, sobretudo, com o surgimento da Estética no final do século XVIII. Baumgarten, em sua obra *Estética: a lógica da arte e do poema* (1993), demonstra que o conhecimento não se dá apenas através do saber cognitivo, mas também através da apreensão do belo através do plano sensorial. Logo, a arte apresenta-se como uma mediadora do saber filosófico. Autores como os russos Dostoiévski e Tolstói, bem como os franceses Proust e Camus, trouxeram-nos narrativas ficcionais que exprimem premissas filosóficas tão bem quanto tratados de filosofia clássica, e nesta via, proporcionam a um público não necessariamente científico a aproximação de questões epistemológicas. O próprio filósofo alemão Nietzsche, abordado neste trabalho, utilizou-se da narrativa literária em sua obra *Assim Falava Zaratustra* (1974) para ilustrar a propedêutica da superação do homem através da jornada de uma personagem fictícia.

A investigação da Filosofia com outras áreas da comunicação, como a Literatura, tem se mostrado extremamente produtiva. Este exercício, todavia, requer um tratamento peculiar do pensamento. A investigação da narrativa fantástica, por exemplo, que este trabalho propõe-se a realizar, nos exige ferramentas de análise próprias do campo da Letras, como as funções de linguagem dentro do corpo textual. Os elementos inverossímeis e imagináveis da literatura fantástica exprimem, eventualmente, conceitos que são cotejados junto ao referencial teórico de seu dado contexto e, também, da posição ideológica de seu autor. Neste trabalho, foram analisados não somente os contos *O chamado de Cthulhu* (2014) e *O forasteiro* (2014), como também me debrucei sobre a vasta correspondência de seu autor, Howard Phillips Lovecraft, além de me valer de seu biógrafo Joshi (2002), para realizar uma inferência filosófica acerca da mitologia desenvolvida em sua obra. Logo, foi necessário recorrer a uma metodologia que satisfizesse tanto as necessidades do campo das Letras como da Filosofia, sem que uma se sobrepusesse a outra, mas se relacionassem a fim de obter um entendimento aprofundado.

Portanto, o referente trabalho propõe-se a abordar a superação do niilismo presente nas obras do escritor norte-americano Howard Phillips Lovecraft a partir da estética do horror dos contos *O Chamado de Cthulhu* (2014) e *O Forasteiro* (2014), relacionando-a com o princípio criativo da superação da tragicidade humana elaborada por Friedrich Nietzsche. A mitologia de Lovecraft depreende-se como uma alegoria fantástica da descoberta do vazio existencial, sendo uma crítica ao idealismo primitivo e uma perspectiva do próprio niilismo moderno. Para entender a superação do niilismo espera-se ainda entender a estética da criação em Nietzsche. A atividade criadora para o filósofo alemão não tem nenhuma relação com a concepção metafísico-religiosa, pois a morte de Deus possibilita ao filósofo retirar das palavras o tom sagrado, com isso, a criação adquire uma significação eminentemente humana. A esse respeito, afirma Heidegger ao comentar Nietzsche: “A arte como contramovimento em relação ao niilismo e a arte como objeto de uma estética fisiológica” (HEIDEGGER, 2007 p. 115). A condição fisiológica da qual o filósofo se refere é o estado dionisiaco, ou seja, a sublimação dos impulsos vitais. Nesse sentido, pensar as deidades lovecraftiana e o dionisiaco nietzschiano nos leva a refletir sobre a superação do niilismo a partir da mitologia contemporânea.

2 Entre o fantástico e o filosófico: Lovecraft através de Nietzsche

Nascido em 20 de agosto de 1890, o norte-americano Howard Phillips Lovecraft se tornou reconhecido por sua habilidade em transpor aos seus contos a angustia e as incertezas que nasciam diante o emergente ethos industrial da sociedade norte americana do século XX. Pessimista e crente que a humanidade caminha em direção a sua auto-degradação, Lovecraft elaborou uma metafísica sombria em reação a sua contemporaneidade, e acabou por inaugurar um novo gênero literário contrapondo os males da existência humana: o horror cósmico. Subestimado pelos críticos de sua época por sua excessiva prolixidade, Lovecraft não teve o merecido reconhecimento enquanto vivo e, mesmo neste século, ainda é analisado como um mero escritor de terror superficial sombreado por nomes

maiores como Edgar Allan Poe. A despeito das duras críticas, e até mesmo da ausência delas, é inegavelmente um importante expoente do início do século XX, principalmente por ser mentor dos Mythos de Cthulhu, um panteão de deuses telúricos e ctônicos que expressam, em seus diversos contos, o niilismo existencial através do sentimento mais significativo da história da humanidade: o medo. A esse respeito escreve: “Três homens foram varridos pelas flácidas garras antes que alguém se desse conta. Deus os tenha em paz, se ainda houver paz no universo” (LOVECRAFT, 2014, p. 69). Aqui fica patente o niilismo associado ao temor.

As obras de Lovecraft foram notoriamente influenciadas pela negação da vontade dentro do pessimismo alemão, desafiando os valores do Iluminismo, do Cristianismo e do Humanismo. Lovecraft chegou a redigir diversas correspondências em que abordou o niilismo, o que o fez desembocar em comentários sócio-políticos e filosóficos de suas cartas. Notoriamente essa visão niilista é influenciada pelo niilismo nietzschiano, o que fica patente em toda sua obra fictícia.

As personagens de Lovecraft são movidas pela angústia criativa que possibilita a transcendência humana e produz a fuga de uma existência inautêntica. Como Jolivet (1961, p. 63) registra: “Devemos observar que nada reforça tanto o sentimento da existência como a imaginação e a angústia. O homem, vivente e existente, prova-se muito mais no sofrimento do que na alegria”. É através da autenticidade do homem que busca por respostas aos enigmas da existência vigente que se dá descoberta do niilismo. Em o Chamado de Cthulhu tem-se o personagem central que, angustiado pela morte misteriosa do tio George Gammell Angell, resolve desvendar os enigmas que cercam essa morte. Com isso, acaba por se relacionar numa trama maior e nefasta que o conduz a uma eminente saga de loucura e criação.

A partir do ato da criação, seja na representação de deidades como catalisadores de bem estar espiritual ou através da criação artística, as sociedades humanas obtêm uma fuga de sua realidade eminente. Em Lovecraft, todavia, o sujeito encontra a propedêutica da superação do niilismo através de representações mitológicas que exprimem uma natureza bestial pior do que a realidade vivente. O paradoxo em Lovecraft é justamente superar o horror humano através da estética do horror cósmico. Infere-se que a estética do

horror nos contos de Lovecraft é, sobretudo, a propedêutica da superação do niilismo, bem como, no princípio criativo da superação da tragicidade humana elaborada por Friedrich Nietzsche.

No entender do filósofo alemão, através de uma análise do mundo helênico, o homem sempre sentiu pavor da existência, e justamente para superar esse medonho sentimento, recorreu aos mitos. A esse respeito escreve Nietzsche:

O grego conhecia e sentia os pavores da existência: simplesmente para poder viver, tinha de estender à frente deles a resplandecente miragem dos habitantes do Olimpo [...] Para poderem viver, os gregos tinham de criar esses deuses, pela mais profunda das necessidades: processo este que bem poderíamos representar-nos como se, a partir da ordem divina primitiva, titânica, do pavor tivesse sido desenvolvida, em lenta transição, por aquele impulso apolíneo à beleza, a ordem divina, olímpica, da alegria (NIETZSCHE, 1974, p. 15).

Assim como Nietzsche, Lovecraft se posiciona defensor dos valores da cultura greco-romana¹. Nesse sentido, Lovecraft concebe seu panteão de deuses de modo a ironizar a existência humana e reagir à modernidade. Pode-se inferir que, na percepção do autor, a modernidade produz ferramentas que tentam suprir as deficiências da epistemologia do ser, tendo o homem reconhecido sua fraqueza diante do universo e necessitando de um amparo artificial que substitua sua insignificância. Apesar da naturalidade e atemporalidade do pensamento mitológico e do preconceito em relação a este nas sociedades ainda fascinadas pelo pensamento racional, o corpus literaris de Lovecraft anseia, sobretudo, transcender a realidade através do retorno da chamada era trágica dos gregos. Para tanto, traz a nós modernos a necessidade dos mitos² associados ao próprio deslumbre da ciência³, não como os deuses gregos, mas com deidades como o próprio Cthulhu. É bem verdade que esse novo mito não tem o mesmo significado dos gregos, mas tem uma estética poética que supera a pequenez humana ainda que de forma emblematicamente diabólica. Ou, como descreve o próprio autor do conto O Chamado de Cthulhu:

Suponho que apenas o cume de uma montanha, a revoltante cidadela coroada por um monólito, onde estava sepultado o grande Cthulhu, emergiu verdadeiramente das águas. Quando

penso na extensão de tudo o que pode estar à espreita lá embaixo, quase tenho vontade de me matar de uma vez. Johansen e seus homens estavam boquiabertos perante a cósmica majestade daquela gotejante Babilônia de demônios ancestrais, e devem ter adivinhado, sem maior orientação, que não se tratava de nada proveniente deste ou de qualquer planeta são. Perplexo temor diante do incrível tamanho dos blocos de pedra esverdeados, da estonteante altura do grande monólito esculpido e da assombrosa identidade entre as colossais estátuas e baixos-relevos e a esdrúxula imagem encontrada no relicário do Alert, é flagrante em cada linha da assustada descrição do imediato (LOVECRAFT, 2014, p. 28).

A imagem homérica de Cthulhu é assustadora como a própria existência que necessita de uma descrição poética, como fica claro no fragmento a seguir: “A Coisa não pode ser descrita - não existem palavras capazes de expressar tais abismos de loucura estridente e imemorial, tais contradições alienígenas de toda matéria, força e harmonia cósmica” (LOVECRAFT, 2014, p. 30). Ao se dar conta da tragicidade da existência, abordada pelo sábio Sileno⁴ ao afirmar que a melhor coisa da vida não é morrer, mas nem ter nascido, pensar em deuses mitológicos torna-se uma atividade estética para superação do horror existencial.

Desde a Cosmogonia de Hesíodo até o século XX com o mito de Cthulhu, sempre houve o interesse entre autores de várias áreas do conhecimento pelos deuses da mitologia grega e outras formas de deidades. Os dois autores em questão, a saber, Nietzsche e Lovecraft, descrevem os mitos de maneira a uma superação. O primeiro aponta a oposição entre Dioniso e Apolo com a intenção de demonstrar que as forças telúricas se imbricam à beleza para se pensar na estética da criação. O segundo se propõe a descrição poética e assustadora do desconforto do homem perante a indiferença do cosmo que lhe causa horror e o conduz a loucura. Enquanto em Nietzsche a arte, associada ao nascimento da tragédia, é a superação da insignificância humana, em Lovecraft, o cinismo aflora da narrativa como uma proposta de subterfúgio ao homem ao reconhecer o niilismo existencial - a loucura do personagem sendo a máxima de seu cinismo.

O homem sábio é um cínico risonho; ele leva nada a sério, ridiculariza a seriedade e o zelo, e nada deseja porque ele sabe que o cosmos possui nada que seja merecedor de desejo. E, ainda,

sendo sábio, ele não é sequer um décimo tão feliz como um cachorro ou um lavrador que não tem vida [social] ou aspiração acima do simplório plano animal. (LOVECRAFT, 1921, p. 3, tradução própria).

A atividade criadora para Nietzsche não tem nenhuma relação com a concepção metafísico-religiosa, mas uma atividade estética relacionada à propedêutica da superação humana. Assim mesmo é a cosmogênese de Lovecraft, uma subversão do próprio conceito de mito dentro do idealismo clássico como uma “verdade ética” e que prevê o mito como valor moral alimentando as relações sociais através da linguagem metafórica. Em Lovecraft o mito não é moral, não é ético e tampouco um paliativo, mas uma imagética niilista da realidade. Nisto, o princípio criativo do homem é posto à prova – uma vez que o mito é o reflexo da produção humana: a mitologia de Lovecraft com seus deuses ctônicos movidos em profunda anomia são as entranhas da própria natureza do sujeito, partindo do pressuposto de que quando a humanidade cria deidades e lhes atribui significados ela está automaticamente ressignificando sua própria existência.

Contemplando o conjunto da obra de Lovecraft, percebe-se que seus personagens são costurados em tramas nas quais não podem se mover sem estarem a borda da insanidade, impelidos pelo inevitável declínio, seja mental, seja social. O personagem impotente diante as forças que desconhece se move pelo medo. Quando a natureza do desconhecido lhe é revelado, é acometido pela loucura e descobre-se pertencente de um jogo maior que a própria vontade inerente ao homem: o nada.

O reconhecimento do vazio é o ponto chave do niilismo existencial. Ao descobrir a insignificância da existência humana, há um processo de desumanização do personagem. A fantasia humana se desfaz. Os contratos sociais são rompidos. O personagem se vê como um “forasteiro” entre os que “ainda são homens”.

E, no entanto, nesta selvageria e liberdade novas, quase chego a cumprimentar os amargores da errância. Pois, embora o nepentes me tenha acalmado, reconheço sempre que sou um forasteiro, um estrangeiro neste século e entre aqueles que ainda são homens. (LOVECRAFT, 2014, p. 30).

Em *O Nascimento da Tragédia* (1974) o que está em jogo é a busca de uma justificativa estética do mundo numa visão cosmológica. Nesse sentido, a atividade do artista é apenas um reflexo e uma fraca repetição da criação original da vida cósmica. Com a oposição entre Dioniso e Apolo, Nietzsche concebe uma dicotomia metafísica de arte. Essa dicotomia expressa a experiência da verdade ligada à beleza, que é uma ilusão, uma mentira, uma aparência.

A atividade artística que nos permite pensar na possibilidade de uma sublevação frente ao moderno estado de coisas (nihilismo) é a arte da representação mitológica. A arte é, para o filósofo, uma das condições vitais de existência, haja vista que nos impulsiona à sublimação das energias vitais, como nos evidencia o filósofo no apontamento a seguir: “A arte e nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida. [...] A arte como única força superior contraposta a toda vontade de negação da vida” (NIETZSCHE, 1974, p. 36). A arte, da qual Nietzsche é o representante, não é o transe ou o êxtase, mas ocorre quando o belo obtém vitória sobre o monstruoso, é o delírio racional. Esse delírio artístico precisa ser direcionado, porém, esse direcionamento deve ser de acordo com a própria vontade do artista.

Aqui é um ponto de divergência entre os autores discutidos, pois em Lovecraft a loucura precisa ser estimulada frente ao horror, enquanto em Nietzsche ela precisa ser direcionada sem perder de vista os impulsos criativos que são anteriores a razão. Em Lovecraft, o homem tece acordos com seu inconsciente – daí mesmo os mitos de Cthulhu corresponderem a desajustes mentais dentro da narrativa dos contos, e os deuses se comunicarem com suas vítimas através de injunções psíquicas como os sonhos ou preâmbulos da consciência fora da vigília. Quando o sujeito lovecraftiano rompe o seu “contrato”, é a Loucura que o consome.

O medo é, portanto, o cordão umbilical que une os personagens de Lovecraft, que os alimenta, que os impulsiona e que os paralisa, que os mantém sob determinada ordem sem, todavia, serem atuantes da mesma. Assim escreve Lovecraft (1987, p. 07): “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido.” É o medo que traz a loucura aos personagens. A loucura é o próprio parto, é quando o medo se rompe do feto, e permite que o mesmo contemple a epistemologia de sua real existência - a

loucura consequentemente assume-se a mortificação do sujeito e seu alívio.

Já em Nietzsche, o que está em jogo é a busca de uma justificativa estética do mundo numa visão cosmológica. Nesse sentido, a atividade do artista é apenas um reflexo e uma fraca repetição da criação original da vida cósmica. Essa dicotomia expressa à experiência da verdade ligada à beleza, que é uma ilusão, uma mentira, uma aparência. Dioniso, o deus da fúria sexual e do fluxo de vida, figura que reúne em sua natureza dor e prazer, manifesta o Uno Primordial, a vontade mesma para além da representação.

A mitologia de Lovecraft compreende em sua artificialidade como uma alegoria fantástica da descoberta do vazio existencial. Para Nietzsche, a atividade criadora não tem nenhuma relação com a concepção metafísico-religiosa, pois a morte de Deus possibilita ao filósofo retirar das palavras o tom sagrado com isso, a criação adquire uma significação eminentemente humana. Nesse sentido, pensar as deidades lovecraftiana e o dionisiaco nietzschiano nos leva a refletir sobre a propedêutica da superação do niilismo a partir da mitologia contemporânea.

3 Considerações finais

Fica patente, portanto, que a imbricação entre Filosofia e Literatura é possível quando se trata de dois autores como Nietzsche e Lovecraft. Embora discordando em algum momento, há muita semelhança na concepção de superação do niilismo a partir da estética nas respectivas obras analisadas. Nietzsche, por um lado, recorre à mitologia grega, enquanto Lovecraft cria deidades assombrosas com a intenção de demonstrar a fragilidade humana e o desconforto existencial.

Nesse sentido, o artigo tentou demonstrar uma relação de proximidade entre os conceitos de “tragicidade humana” em Nietzsche e “medo” em Lovecraft. Essas duas noções se apresentam de maneira complexa e ao mesmo tempo intrigante para a superação de um terceiro conceito, a saber, o niilismo. O que tornou o texto interessante e, em alguns momentos, confuso para leitores desprecebidos, pois a relação entre Filosofia e Literatura nem sempre ocorre de forma harmoniosa.

Notas

- 1 Segundo Dutra (2012) o ensaio *The Literature of Rome* (1918) exemplifica bem a devoção do autor aos romanos e aos gregos.
- 2 Embora ateu, Lovecraft exprime seu conservadorismo através do saudosismo aos valores primordiais do homem, incluso aí a metafísica imanente, tal como Nietzsche. Ele percebe a necessidade dos mitos para as sociedades humanas, muito embora enxergasse o fundamentalismo religioso, sobretudo o cristianismo, como um retrocesso. Segundo Gil (2007, p. 54) “O marcado ateísmo e atitude de Lovecraft em relação à religião, deixada patente ao longo da sua obra e vastíssima correspondência, deixa igualmente transparecer a crise de valores e o declínio da importância da religião, característica da sociedade moderna”.
- 3 Lovecraft é dos poucos autores a relacionar a mitologia aos próprios avanços da ciência. Justamente isto catalisa o pessimismo de sua obra: os homens desenvolvem tecnologias avançadas em busca do significado de sua existência e de quem os criou, e acabam descobrindo a natureza do horror cósmico. Pode-se relacionar isto a uma crítica de Lovecraft ao uso da ciência como meios de destruir.
- 4 Cf. Nietzsche, *O Nascimento da Tragédia* § 3. seção do homem pelo homem.

Referências

- BAUMGARTEN, A. G. **Estética: a lógica da arte e do poema**. Trad. Miriam Sutter Medeiros. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- BEZARIAS, Caio A. **Funções do Mito na Obra de HPL**. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2006.
- DUTRA, Daniel Iturvides. **A utopia na obra de H. P. Lovecraft: uma leitura política de Nas montanhas da loucura**. In: Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 45, dezembro de 2012. p. 87-108.
- GIL, Jose Carlos Guerreiro. **H. P. Lovecraft – Um Ícone da Cultura Ocidental Contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Criações Literárias Contemporâneas). Universidade de Évora, Portugal, 2008.
- HEIDEGGER, M. **Nietzsche, I**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- JOLIVET, Régis. **As Doutrinas Existencialistas**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1961.
- JOSHI, S. T. **A vida de H. P. Lovecraft**. Ed. Hedra. 2014.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. **O Mundo Fantástico de H. P. Lovecraft**.

2ª ed. Clock Tower, São Paulo, 2014.

_____. **Nietzscheism and Realism**. 1680 words. Rainbow, october 1921.

_____. **O horror sobrenatural na literatura**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

NIETZSCHE. **Obras incompletas**. In: coleção “Os pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1974.